



Carlos Eduardo Jordão Machado

Querer e não querer as mesmas coisas; eis afinal a verdadeira amizade

(Salústio, *A conjuração de Catilina*)

Filosofia, arte e história formaram a base das preocupações e atividades da trajetória de professor Carlos Eduardo Jordão Machado. Dedicado a dois grandes e diferentes campos de interesse – os estudos germanistas e a cultura brasileira – deixou um relevante legado acadêmico materializado em suas pesquisas, aulas, orientações e publicações, realizadas em sua maior parte como docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

Conhecemo-nos em um bar da Praça Benedito Calixto, na cidade de São Paulo, lá pelos idos de 1986, em meio à campanha para as eleições de governador. Ali se reunia uma animada turma do diretório do MDB da Vila Madalena à qual Carlos Eduardo se juntou em uma época em que os simpatizantes do velho Partidão apoiavam ou militavam naquela agremiação em nome dos princípios da frente democrática contra

o autoritarismo. Amigos desde então, revelou-me que havia começado seus estudos universitários na UNB – artes plásticas – no início dos anos 1970, mas que diante das ameaças políticas optou por se mudar com a mulher para Curitiba, onde residiu e se formou até se transferir a São Paulo no início dos anos 80.

Naquela época o seu apartamento era um verdadeiro estúdio artístico, com papéis, tintas, cavaletes e uma grande mesa de trabalho no centro da sala. Encontrava-se dividido entre a pintura e suas novas paixões, a filosofia alemã e a estética, que apenas cresceram durante o seu mestrado na USP sob a orientação de Paulo Eduardo Arantes a quem sempre venerou como mestre. Paralelamente, aprofundou o conhecimento da língua alemã, que acabou por dominar com excelência.

Pouco tempo depois, em 1987, Carlos Eduardo foi aprovado em concurso para trabalhar na Unesp/Assis e passamos a ser colegas de departamento. Ato contínuo, participamos da campanha eleitoral do Prof. José Ribeiro Júnior para a direção do campus. Afável, bem humorado e aberto às mudanças Ribeiro contou com a simpatia dos estudantes e dos novos professores. Os tempos eram outros. Como os demais jovens ingressantes de então, éramos mestrados contratados na condição de “auxiliares de ensino”, ele como professor de História da Filosofia e eu de História da América. Com apoio da Fapesp para desenvolver o trabalho de campo na Alemanha, concluiu a dissertação em 1991, a qual foi publicada com o título *Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o expressionismo*. Tal exemplo de erudição filosófica e estética, que unia história e arte no exame de uma das conjunturas mais dilacerantes do século XX, teve seu desdobramento no doutorado realizado na Alemanha. Ali se concentrou no estudo do debate estético de G. Lukács e pode aprofundar o domínio da língua alemã, imprescindível para a leitura rigorosa das suas fontes e a confecção da tese que foi publicada no Brasil com o título *As formas e a vida. Estética e ética no jovem Lukács (1910-1918)*.

De volta ao Brasil, Carlos Eduardo ingressou na pós-graduação em história, onde passou a orientar e deu continuidade às suas pesquisas. Seus interesses desdobraram-se em duas vertentes. Em uma delas, a orientação abriu-se a um conjunto de novos temas sintetizados no que ele chamava de “experiência intelectual brasileira”, a qual incluía o teatro, o cinema, a crítica cinematográfica, a discografia, o ensaísmo e as artes plásticas. Possuidor do dom de despertar vocações intelectuais, empenhou-se em uma fecunda atividade de orientação cujos frutos manifestam-se na formação de mestres, doutores e pós-doutores e na elaboração por eles de interessantes trabalhos, vários dos quais foram publicados na forma de livro. Como entendia ser fundamental a experiência fora do Brasil, compeliu seus alunos a iniciativas no exterior tais como os estágios na Europa e as antológicas viagens para participar de congressos na Argentina com o orientador. Por tais experiências e pela amizade, estou certo de que os seus alunos lhe devotam imensa gratidão. A segunda vertente de interesse constituiu uma continuidade dos objetos do mestrado e do doutorado, fixando o seu nome como um dos principais estudiosos da cultura alemã no País. Debruçou-se sobre os intelectuais críticos da modernidade da Europa Central, em especial Siegfried Kracauer, a respeito do qual escreveu uma tese que infelizmente não teve tempo de apresentar em concurso de livre-docência.

Foi com pesar que os colegas, amigos e alunos receberam a notícia da sua partida em meio à luta contra o câncer, em 15 de agosto passado. Entristecida ficou a

nossa faculdade sem a sua personalidade ímpar, seu cáustico humor e seu impagável repertório de frases de efeito.

José Luis Bendicho Beired

Professor de História da América do Departamento de História da Unesp, Campus de Assis.